



BEBER SOCIALMENTE É “SABER BEBER”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ELETRICISTAS SOBRE O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

Carlos Augusto Sousa Dantas

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: gutosdantass@gmail.com

Jamília Brito Gomes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: jamiliabritopsi@gmail.com

Luci Mara Bertoni

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: profaluci@uesb.edu.br

765

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho apresentamos resultados parciais de uma pesquisa acerca das representações sociais de eletricistas sobre o consumo de bebidas alcoólicas, focalizando as suas concepções sobre o beber socialmente. Esses profissionais atuam em equipes de construção, em grande parte, acampando em áreas rurais distantes das cidades e em alguns casos apartados de suas residências por até 20 dias. Isolados do convívio familiar doméstico, o recurso ao uso de bebidas alcoólicas pode servir para driblar as dificuldades de suas rotinas.

Segundo Flávia Atanazio do Nascimento *et al* (2007), o “beber socialmente” significa beber de forma socialmente aceitável e costuma ser entendido no senso comum como o beber moderadamente, ainda que este último padrão de consumo possa implicar também em impactos para a saúde do indivíduo e para sua convivência social. De acordo com Nascimento *et al* (2007), “beber socialmente” é um conceito subjetivo, moldado de acordo com o ponto de vista de quem o considera.

Nesse sentido, argumentamos que “beber socialmente” é uma categorização social do consumo de bebidas alcoólicas, que significa uma prática de evitação das represálias sociais sobre a ingestão dessas bebidas. Contudo, embora não corresponda ao “beber moderado” da ciência médica, o “beber socialmente” não deixa de ser entendido como uma prática de moderação, ainda que a moderação aqui ultrapasse o controle da ingestão das substâncias e recaia, subjetivamente, sobre outros fatores contextuais ao consumo de bebidas alcoólicas. A subjetividade do “beber socialmente”

Realização:



Apoio:





e da “moderação” nela implicada é carregada de estranheza e indefinição e suscita, portanto, um esforço de familiarização. Nesse sentido, acreditamos que as representações sociais desempenham o papel de facilitar a compreensão e a prática do “beber socialmente”, pois correspondendo tais representações a uma forma de conhecimento elaborado no senso comum a partir daquilo que é familiar a fim de se comunicar e orientar no mundo das coisas não familiares permite a um grupo construir uma realidade comum a ele (MOSCOVICI, 2020), isto é, pensando no beber socialmente, permite aqueles que compartilham de tal conceito, construírem, a partir de seus marcos referenciais, uma realidade sobre essa forma de consumo de bebidas alcoólicas que repercute mentalmente e materialmente nas suas vidas em sociedade.

766

METODOLOGIA

Empreendemos uma pesquisa qualitativa com 23 eletricitistas integrantes de equipes de construção da rede de distribuição de energia elétrica empregados pela Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA). Nesse trabalho apresentamos resultados parciais decorrentes da análise de conteúdo temática (BARDIN, 2016) de entrevistas estruturadas realizadas com os referidos participantes, recortando da categorização a unidade de registro temática (UR) “o que é beber socialmente” e as unidades de contexto (UC) nas quais a UR foi registrada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificamos a unidade de registro temática (“o que é beber socialmente”) em cinco contextos cuja análise apresentamos brevemente: (UC 1) beber sem causar “problemas” para a sociedade; (UC 2) beber legitimado pelos grupos de referência; (UC 3) temperança; (UC 4) beber no espaço privado e (UC 5) descrença. Nesse caminho, registramos 3 ocorrências da UC 1 quando os eletricitistas afirmam que beber socialmente é beber “sem causar problema, confusão”, “sem criar transtornos e problemas” e que “a partir do momento que o cara ingere um pouquinho de álcool causa desavença”. Por esse lado, notamos que beber socialmente é ligado pelo grupo de eletricitistas a um “beber” que não contraria a “harmonia” e a “concordia” social. Para tanto, imprimem ao uso de bebidas alcoólicas um caráter “problemático” que ultrapassa a esfera individual do usuário e de seu consumo para recair também sobre a sociedade.

Realização:



Apoio:





Por contraste, beber socialmente é compreendido pelo grupo como beber “pacificamente”.

Verificada 6 vezes, a UC 2 expressa que beber socialmente é beber na companhia dos grupos sociais como a família ou os amigos. Desse lado, segundo os participantes da pesquisa, se bebe socialmente quando “acompanhado com a família”, em um “churrasco”, “jogando conversa fora” com os amigos, “sem muita zoada”, “em uma festa de casamento”, em suma, quando o uso da bebida alcoólica é legitimado pela socialização no interior dos grupos de pertença em ocasiões nas quais a bebida está em voga, mas também a diversão, as conversas e as confraternizações. Nesse passo, a afetividade no seio grupal reclama o sentimento de anuência quanto à ingestão de bebidas alcoólicas e coloca a bebida em uma posição secundária, complementar ou equivalente às relações sociais travadas e não como protagonista dessas relações. São as relações grupais que atuam aqui como marco de referência no processo de familiarização dos eletricitistas, do qual extraem a afetividade com a qual revestem o beber socialmente. Por esse prisma, o beber socialmente seria um “beber afetivamente”.

Na UC 2, registrada 14 vezes, o beber socialmente está ligado a uma forma temperante de lidar com a bebida. Conforme relatam os eletricitistas, trata-se de um “saber beber”, um “beber controlado”, “de vez em quando sem vício”, “moderadamente consciente”, “sem ficar bêbado”, “sem exagero”. Segundo um dos participantes, o limite do “exagero” é marcado ainda pela qualidade da substância alcoólica consumida: “Cervejinha e uísque de vez em quando, para não chegar no ponto de exagerar”. Nesse caminho, os eletricitistas invocam a temperança para representar o “beber socialmente”. Dando lugar e nome a movimentos de temperança que pautaram a abstinência do álcool no início do século XX nos Estados Unidos (ESCOHOTADO, 2007), a temperança ocupou também um importante lugar na sociedade grega antiga, quando era considerada uma virtude de assenhramento de si e renúncia ao excesso dos prazeres, indicadora de sabedoria e superioridade (FOUCAULT, 2009). A temperança não impedia os prazeres da contemplação, mas do contato, alcançando, portanto, o sexo, a comida e as bebidas. A fim de equilibrar prazer e desejo, era considerado intemperante aquele que desfrutava os prazeres sem necessidade e temperante aquele que sabia dominar os prazeres, como uma “arte” que ensinava, tal como praticava Sócrates, a beber apenas quando houvesse sede (FOUCAULT, 2009). Portanto, enquanto uma forma de “sabedoria” no regramento de si, os eletricitistas ancoram suas representações na virtude da temperança, ainda hoje manifesta na ideia de um autocontrole no consumo de bebidas alcoólicas.

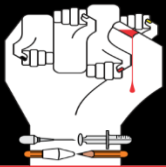


Beber socialmente é também beber no espaço privado do ambiente doméstico, evitando o consumo em espaços públicos, como podemos inferir da UC 3, registrada 4 vezes. Nesse sentido, os eletricitistas afirmam que a modalidade de consumo em questão corresponde a um “beber em casa”, a um “não sair fazendo besteira na rua” ou “beber uma ou duas e [ir] embora”. Segundo Roberto Damatta (1997a, p. 90), enquanto a casa “remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares”, a rua se relaciona ao “mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões”. O espaço da rua comporta um menor controle das relações travadas socialmente em relação ao universo da casa onde vive “nossa gente”, pois corresponde a um “domínio semiconhecido e semicontrolado” (DAMATTA, 1997a, p. 91). Inversamente à casa, considerada lugar da “calma”, do “repouso” e do “amor” humano, a rua, devido a sua “fluidez e movimento” é caracterizada pelo “perigo” (DAMATTA, 1997b, p. 40). Mas não apenas porque a rua representa um lugar de perigo enquanto a casa representa um lugar de “calma” que o beber socialmente está ligado a um beber refugiado do olhar público, pois faz parte da história da regulação do álcool e do espaço público no Brasil essa separação entre consumir álcool publicamente e manter o espaço público ordenado. Desta feita, no Brasil recém-republicano do século XIX, se proibia penalmente a embriaguez pública sob o pretexto de ordenação do espaço público (BRASIL, 1890), entre outros motivos, porque o espaço das ruas já aparecia marcado pelo signo da desordem ou da falta de controle, ou da dificuldade para controlá-lo (DAMATTA, 1997a; 1997b).

No entanto, nem todos os participantes compartilham da crença em um “beber socialmente”, pois para alguns deles tal modalidade de consumo de bebidas alcoólicas sequer existiria, o que registramos 3 vezes no contexto “descrença”. Nesse passo, afirmam os eletricitistas que tal modalidade de consumo de bebidas alcoólicas “não existe”, que “começa socialmente e termina bêbado” ou como relata um participante: “Antes eu tinha o pensamento de beber com cautela. Como eu exagerei, hoje acho que o ideal é não beber”. Por essa ótica, o uso do álcool é tido como incontrolável, pois faria “termina[r] bêbado” aquele que começou bebendo socialmente, o que se afina com o ideal de abstinência pautado pelo proibicionismo.

CONCLUSÕES

Os eletricitistas participantes da pesquisa representam o “beber socialmente” como uma moderação tanto do uso de álcool quanto do comportamento de quem bebe,



do olhar social e público lançado sobre esse consumo. Bebendo afetivamente, sugerem que a ingestão de bebidas alcoólicas quando acompanhada das relações sociais e familiares tornam o ato de beber mais aceito socialmente do que o consumo individual desacompanhado de um motivo confraternizador. Como uma “arte” da moderação dos prazeres, entendem que bebe socialmente quem “sabe beber”. O espaço onde o consumo acontece é também levado em consideração, pois no interior do ambiente doméstico se privam da visibilidade pública da rua e reservam a sociedade dos “efeitos” desse consumo. Tais concepções demonstram o caráter prático das representações sociais e sua função orientadora dos conhecimentos e das práticas (ABRIC, 2001), pois elaboradas no marco do trabalho, em uma profissão arriscada na qual o uso de bebidas alcoólicas poderia comprometer a segurança laboral, apresentam o consumo “descontrolado” de álcool como algo problemático, ao mesmo tempo em que resguardam esse consumo para as situações de lazer nos momentos de folga, quando reencontram familiares e amigos.

PALAVRAS-CHAVE: Drogas. Representações sociais. Beber socialmente. Bebidas alcoólicas.

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. **Prácticas sociales y representaciones**. Trad. José Dacosta Chevrel y Fátima Flores Palacios. México: Coyoacán, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: 70, 2016.

BRASIL. Decreto-Lei nº 847 de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Brasília - DF, 1890.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 69 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.

ESCOHOTADO, Antonio. **História general de las drogas**. Madrid: Espasa, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: O uso dos prazeres**. São Paulo: Graal, 2009.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2020.

NASCIMENTO, Flávia Atanazio do, ALMEIDA, Mariana Coutinho de, SOUZA, Jurema Gouvea de, LIMA, José Mauro Braz de, SANTOS, Rosângela da Silva. A enfermeira pediatra cuidando de crianças/ adolescentes com Síndrome Alcoólica Fetal (SAF). **Escola Anna Nery** [online]. v. 11, n. 4, 2007, pp. 619-24.